



A INSERÇÃO DAS MULHERES NOS CURSOS PROFISSIONALIZANTES DA ANTIGA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE INCONFIDENTES – EAFI

Rosiane A. SILVA¹; Paula I. COELHO²

Esta pesquisa tem por objetivo problematizar a entrada das mulheres como estudantes na antiga Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes – EAFI. Desde suas origens em 1918, como um Patronato Agrícola, o IFSULDEMINAS, *campus* Inconfidentes, foi marcado pela cultura masculina. Em uma sociedade machista e patriarcal, ainda no início do século XX as mulheres eram excluídas dos processos formais de educação e o trabalho doméstico, por elas realizado, era desqualificado enquanto trabalho social. O trabalho encontra-se na fase de coleta de dados que será realizada por meio da metodologia da história oral. Assim, coletaremos as narrativas das mulheres que estudaram na EAFI, buscando compreender quem foram essas mulheres, quais seus sonhos, expectativas e desafios enfrentados ao entrarem em uma instituição de educação profissional majoritariamente masculina.

Palavras-chave

Educação das mulheres; Educação profissional; Relações de gênero.

Introdução

Por meio da colonização portuguesa o Brasil foi se constituindo como uma sociedade de cultura patriarcal e católica. Nesta cultura os homens são considerados os provedores da família, dedicados às atividades sociais e políticas e, as mulheres, as donas do lar, a esposa dedicada às atividades domésticas e aos cuidados com os filhos. A partir desta divisão sexual do trabalho constituíram-se desigualdades sociais entre os gêneros. À representação do gênero feminino atribuiu-se a sensibilidade, a delicadeza, o cuidado, a fraqueza e a incapacidade para o trabalho social com geração de renda. À representação masculina atribuiu-se a razão, a força, a inteligência, a virilidade e o poder de decisão. Nesta perspectiva a mulher deve ser submissa ao homem, aceitar a sua proteção e cuidar do seu marido e de seus filhos. A representação do feminino na sociedade patriarcal brasileira excluiu as mulheres da vida pública, do trabalho social e das decisões políticas. Assim, as mulheres por um longo período de nossa história não tiveram acesso à educação formal, não tiveram direito de serem alfabetizadas e a educação que recebiam era direcionada para as questões religiosas e domésticas.

1 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG - E-mail: rosianesilvams@gmail.com

2 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG - E-mail: paula.inacio@ifsuldeminas.edu.br

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, *campus* Inconfidentes, tem suas origens no início do século XX, mais precisamente no ano de 1918. Surge no contexto da República Velha, período de grande preocupação do Estado com a constituição da identidade da nação brasileira. Partindo de uma política higienista e moralista o governo brasileiro criou as primeiras Escolas Profissionalizantes, direcionadas aos menos favorecidos, com o objetivo de discipliná-los e formar mão de obra para a nascente indústria nacional.

Na zona rural foram criados os Patronatos Agrícolas que tinham por objetivo ofertar aos jovens desvalidos da capital, então Rio de Janeiro, uma educação moral, direcionada para o trabalho, contribuindo para uma “limpeza” urbana e disciplinamento de menores abandonados. Foi assim que surgiu o Patronato Agrícola de Inconfidentes (1918), depois transformado em EAFI (1978), constituindo-se como uma instituição fundamentalmente masculina.

Partindo do pressuposto da persistente desigualdade entre os gêneros, da constituição masculina do ensino profissionalizante, e consequente exclusão feminina, o que este estudo propõe é investigar a inserção das mulheres nos cursos profissionalizantes da EAFI. Quando a EAFI passa a ofertar vagas para as mulheres? Quais são os cursos mais procurados pelas mulheres? Quais são os desejos, sonhos, expectativas e sofrimentos vivenciados pelas primeiras mulheres a ingressarem em uma instituição tipicamente masculina? Por quais transformações a instituição passou para receber as mulheres em seus cursos?

A realização deste estudo justifica-se pela persistência das desigualdades entre os gêneros em vários aspectos da vida social e, principalmente, em relação à profissionalização e condições igualitárias entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Sabemos que ainda persiste nas relações sociais brasileiras a compreensão de que certas profissões são naturalmente masculinas e outras naturalmente femininas, bem como a diferença salarial entre homens e mulheres. É preciso compreender a história do funcionamento das desigualdades de gênero nos espaços e políticas institucionais do *campus* Inconfidentes. Sabemos que as desigualdades persistem, pois, por exemplo, somente a partir deste ano as mulheres conseguiram conquistar o direito à vaga em alojamentos, reservados, até então, apenas aos homens. Essa situação histórica já caracteriza uma desigualdade de possibilidade de permanência das mulheres que, se não tiverem condições econômicas de pagar um aluguel nas repúblicas, não conseguem

continuar os seus estudos. Os homens não sofrem com esses problemas. Este é um fator evidente que podemos constatar, mas há outros silenciados, como a discriminação das mulheres que frequentam os cursos considerados masculinos, como o curso Técnico em Agropecuária, por exemplo. Portanto, este estudo pretende ser uma contribuição para a compreensão, problematização e reflexão sobre as desigualdades de gênero em nossa instituição.

Material e métodos

A realização desta pesquisa será pautada pelos pressupostos da pesquisa qualitativa caracterizada por,

“...uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.” (MENESES & SILVA, 2001, p. 20)

Para a coleta de dados utilizaremos a metodologia da história oral, cuja matéria prima é “[...] a oralidade vertida em depoimentos e tradições, relatos e histórias de vida, narrações, recordações, memória e esquecimentos etc.” (LOZANO, 2006, p. 18). Assim, coletaremos narrativas de seis mulheres que cursaram o curso de Técnico em Agropecuária na EAFI no ano de 1986. Temos por objetivo possibilitar às entrevistadas que narrem suas histórias, percepções, memórias e desafios sobre a suas passagens enquanto estudantes da EAFI.

Evitaremos a divisão tão tradicional nas pesquisas entre sujeito e objeto, considerando-nos também politicamente e valor ativamente envolvidas com os sujeitos e a realidade pesquisada. Assim, deixamos claro que, enquanto pesquisadoras, somos também, carregadas de nossas visões de mundo, nossos princípios, que entrarão em diálogo constante com a realidade pesquisada. Da mesma forma, não compreendemos as mulheres a serem entrevistadas como objeto de pesquisa, mas como produtoras de saberes, de cultura que estarão em um processo permanente de diálogo com a nossa proposta de pesquisa.

Resultados e discussões

A pesquisa ainda está em andamento, com finalização prevista para novembro. Estamos na fase de coleta de dados, iniciando o processo de entrevista com algumas mulheres da cidade de Inconfidentes que fizeram o curso Técnico em Agropecuária em 1986, somando um total de seis mulheres.

Conclusão

Esperamos com esse trabalho contribuir para as discussões sobre as relações de gênero, especialmente para a educação e profissionalização feminina. Em uma sociedade em que as mulheres continuam a receber menos que os homens mesmo exercendo as mesmas funções, em que ainda são discriminadas por ocuparem espaços educativos e profissionais considerados “masculinos” a compreensão da historicidade dessas desigualdades de gênero se fazem necessárias.

Referências Bibliográficas

- BOEIRA, D. **Uma “solução” para a menoridade na Primeira República: o caso do Patronato Agrícola de Anitápolis/SC (1918 – 1930)**. 2012. 138. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, 2012;
- BONFIM, C.M.P. **A situação das mulheres na educação profissional de nível médio: uma análise dos dados do censo escolar - 2001 a 2006**. 2009.151f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.2009
- FERREIRA, M; AMADO, J (orgs) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2005.
- KUNZE, N.C. O surgimento da rede federal de educação profissional nos primórdios do regime republicano brasileiro. In. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. v. 2, n 2. Brasília: MEC, SETEC, 2009.
- LOZANO, J.E.A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In. FERREIRA, M.M; AMADO, J.A. (orgs.) **História Oral. Usos e Abusos. Rio de Janeiro: FGV, 2006**.
- MONTEIRO, I; GATI, H. **A mulher na história da educação brasileira: entraves e avanços de uma época**. In. IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5
- SILVA, E. L; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC/PPGEP/LED. Florianópolis, 2001.